

Prólogo

janeiro de 1990
Alexandria, Virginia

*D*urante todo o dia, as pessoas foram parando ao longo do caminho que atravessava a floresta junto ao rio Potomac. Enroladas em parkas e cachecóis de lã, ficavam de pé, encostadas umas às outras para se aquecerem, a agarrarem as mãos enluvadas dos filhos ou as trelas dos cães e a olharem fixamente para a única mancha de cor naquela paisagem cinzenta de inverno. O caiaque amarelo estava no meio do rio, rodeado de gelo. A água tinha estado muito agitada na noite anterior, empurrada por ventos gelados, erguendo-se em redemoinhos brancos, à medida que a temperatura descia e as ondas congelavam em cristas entrecortadas, prendendo o caiaque a muitos metros da margem.

Os mirones tinham visto o caiaque nos noticiários da manhã mas, mesmo assim, precisavam de o ver com os seus próprios olhos. Marcava o fim de uma saga que prendera a atenção deles meses a fio. Tinham esperado ansiosamente pelo julgamento, que já não se iria realizar, porque a rapariga de 17 anos — a assassina de 17 anos, tinham quase todos a certeza — estava agora algures por baixo daquela imensidão de gelo.

Escolheu o caminho mais fácil, sussurravam alguns.

Que maneira horrível de morrer, diziam outros.

Olhavam para a margem pedregosa do rio e pensavam se ela teria posto algumas dessas pedras nos bolsos para ter a certeza de que se afogava. Pensavam se ela teria chorado enquanto remava para longe da margem, sabendo que o fim estava próximo. Na televisão tinha chorado, isso era certo. Fingida, diziam agora alguns enquanto desciam o caminho. Estava demasiado frio para se ficar muito tempo parado no mesmo sítio.

Mas havia uma mulher muito agasalhada, de luvas e com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, que ficou horas à beira do caminho. Viu

o helicóptero da televisão a recolher novas imagens aéreas, com as pás a cortarem o céu cinzento provocando um barulho ensurdecedor. Viu os polícias a percorrerem as margens do rio, apontando ora para um lado, ora para outro, sem saberem como iriam tirar o caiaque do gelo... nem como iriam procurar o corpo da rapariga debaixo dele.

Tornou a olhar para os polícias. Agora, estavam parados, com as mãos nas ancas, como se tivessem desistido. A mulher aconchegou melhor o casaco à sua volta. Eles que desistam, pensou com satisfação ao ver um polícia encolher os ombros, aparentemente em sinal de derrota. Eles que arranquem o caiaque do rio e hoje se fiquem por aí.

Se bem que um caiaque amarelo encahado no meio do gelo não provasse nada.

Se achavam que provava, estavam muito enganados.



Parte 1

junho de 2013

Riley

Nunca imaginei que aos 25 anos podia já ter perdido quase todas as pessoas que amava.

Senti o desgosto invadir-me de novo, quando estacionei em frente da pequena e discreta estação dos Correios de Pollocksville. A viagem de três horas desde a minha casa em Durham parecia ter demorado seis, com a longa lista mental que fui elaborando de tudo o que precisava de fazer quando chegasse a New Bern, e essa lista levou-me a pensar em como me sentia só. Mas não tinha tempo para alimentar a minha tristeza.

A primeira coisa que precisava de fazer era parar naquela estação dos Correios, a 15 quilómetros de New Bern. Tirava isso da cabeça e riscava um afazer na minha lista. Entrei ao mesmo tempo que procurava o fino postal branco na minha mala. Era a única cliente, e os meus ténis guincharam no chão quando me dirigi para o balcão, onde uma empregada me esperava. Com a sua pele escura e as rastas perfeitas, fez-me lembrar a minha amiga Sherise e, por isso, fiquei instantaneamente a gostar dela.

— Posso ajudá-la? — perguntou-me.

Entreguei-lhe o postal.

— Estou confusa com este postal — disse-lhe. — O meu pai morreu há um mês. Tenho recebido a correspondência dele na minha morada em Durham e, quando este chegou, eu...

— Mandamos esses postais quando alguém não paga a sua caixa postal — explicou a empregada, olhando para o subscrito. — É um aviso. Se não fizerem o pagamento num prazo de dois meses, fechamos a caixa e mudamos a fechadura.

— Sim, eu percebo isso, mas veja — voltei o postal — este nome não é o do meu pai. Não sei quem é o Fred Marcus. O meu pai chamava-se Frank MacPherson. Por isso, acho que isto veio parar às minhas mãos por engano. Julgo que o meu pai nem sequer *tinha* uma caixa postal. Não vejo razão para isso. Principalmente em Pollocksville, quando ele vive — *vivia* — em New Bern. — Ia precisar de muito tempo para aprender a falar do meu pai no passado.

— Só um momento. Vou ver. — Desapareceu algures nas traseiras do edifício e voltou pouco depois, trazendo na mão um envelope roxo, delgado, e um cartão branco de um registo qualquer. — Era a única coisa que estava na caixa — disse, entregando-me o envelope. — O destinatário é Fred Marcus. Estive a ver nos registos, e a caixa postal está nesse nome, com esta morada. — Mostrou-me o cartão. A assinatura era realmente parecida com a do meu pai, mas a letra dele nem sequer era assim tão distinta. E, além disso, não era o nome dele.

— A morada está certa, mas este senhor, seja lá ele quem for, deve ter escrito mal a própria morada — retorqui, enfiando o envelope roxo na mala.

— Quer que feche a caixa, ou quer pagar para ela continuar aberta? — perguntou a empregada.

— Acho que não me compete a mim fechá-la, mas também não vou pagá-la, por isso... — Encolhi os ombros.

— Então, vou fechá-la — rematou a empregada.

— Está bem. — Estava contente por ela ter tomado a decisão por mim. Sorri. — Espero que esse tal Fred Marcus não se importe. — Voltei-me e comecei a andar em direção à porta.

— Lamento muito pelo seu pai — ouvi-a dizer.

— Obrigada — respondi por cima do ombro e, quando cheguei ao carro, tinha os olhos a arder.



Ao chegar a New Bern, atravessei o centro histórico. As casas antigas amontoavam-se nas ruas orladas de árvores e, de vez em quando, por entre as lojas, viam-se ursos gigantes em fibra de

vidro, uma homenagem à equipa de futebol. À minha frente seguiam dois polícias de bicicleta, a alegrar ainda que muito ligeiramente o meu estado de espírito. Embora tivesse deixado de viver em New Bern desde que fora para a universidade, ainda sentia uma certa atração pela minha terra natal. Era um lugar tão especial.

Voltei para a Craven Street e parei na rampa da garagem. O carro do meu pai estava lá dentro. Via-se o tejadilho pelas bandeiras da porta — uma delas partida. Devia vendê-lo ou dá-lo a alguém? De manhã iria encontrar-me com a advogada dele e tinha de juntar essa pergunta à minha infundável lista de dúvidas. O carro devia ser para o meu irmão Danny, a fim de ele substituir aquela carcaça velha com que andava, mas tinha o pressentimento de que ele não ia querê-lo.

A minha antiga casa era ao estilo vitoriano, com dois andares, de uma cor amarelada a precisar de ser pintada e um alpendre grande com uma balaustrada e colunas brancas graciosas. Era a única casa onde me lembrava de ter vivido, e adorava-a. Quando a vendesse, não teria nada que me fizesse voltar a New Bern. Tinha encarado essas visitas a casa para ver o meu pai como um dado adquirido. Quando ele morreu subitamente, estive dois dias nesta casa para tratar da cremação e resolver uma série de assuntos, que agora eram uma névoa na minha memória. Não sabia se ele queria ser cremado. Nunca tínhamos falado dessas coisas, e eu estava num estado de choque e confusão tão profundos que não conseguia pensar com clareza. Nessa altura, o Bryan estava comigo, e a sua presença tinha sido calmante e cheia de amor. Disse-me que a minha mãe tinha querido ser cremada e, por isso, era muito provável que também fosse esse o desejo do meu pai. Só esperava que ele tivesse razão.

Ainda sentada no carro parado na rampa, perguntei a mim própria se não me teria precipitado ao acabar a minha relação com o Bryan. Neste momento, saber-me-ia bem ter o apoio dele. Com a morte do meu pai e com a Sherise a fazer voluntariado no Haiti durante o verão, não podia ter escolhido um momento pior. Mas a verdade é que não havia nenhum momento que fosse bom para acabar uma relação de dois anos.

Quando saí do carro e olhei para a casa, senti nos ombros o peso da minha solidão. O plano era passar ali duas semanas, a arranjar

a habitação, e depois pô-la à venda, juntamente com o terreno para autocaravanas que o meu pai tinha lá perto. Mas, de repente, quando olhei para as janelas e me lembrei da quantidade de coisas que precisavam de ser arrançadas e da dificuldade que o meu pai tinha em deitar algo fora, percebi que tinha estabelecido um prazo irrealista. O meu pai não era propriamente um *acumulador compulsivo*; era mais um colecionador. Tinha caixas e caixas cheias de isqueiros, cachimbos e instrumentos musicais antigos, entre triliões de outras coisas que eu teria deitado fora. O Bryan dizia que a nossa casa parecia mais um museu antigo e cheio de pó do que uma casa — e tinha razão. Tirei a mochila do banco de trás, esforçando-me por não entrar em pânico. Não havia ninguém à minha espera em Durham e tinha o verão pela frente. Podia demorar o tempo que fosse preciso para pôr a casa em condições de ser vendida. Talvez o Danny pudesse vir ajudar-me.

Subi os amplos degraus da frente até ao alpendre e abri a porta. Guinchou, produzindo um som que me era tão familiar como a voz do meu pai. Tinha deixado os estores da sala fechados quando me fui embora em maio e assim quase não conseguia ver a cozinha, que ficava do outro lado da sala. Ao abri-los para deixar entrar o sol do meio-dia, senti o cheiro quente a mofo de uma casa fechada há demasiado tempo. Pus o termóstato nos 22 graus e ouvi o som agradável do velho ar condicionado a voltar à vida. Depois fui para o meio da sala e, de mãos nas ancas, olhei para o espaço à minha volta com os olhos de alguém que tinha pela frente a tarefa de pôr tudo aquilo impecável.

O meu pai fizera da sala uma espécie de escritório, apesar de ter um escritório ótimo no andar de cima. Adorava secretárias, armários e vitrinas. A da sala era linda, com um tampo de recolher. Na parede do fundo, tinha rodeado a porta que dava para a cozinha com prateleiras onde pusera a sua coleção de discos de música clássica, quase todos em vinil, e havia também um gira-discos num cubículo que ele tinha feito na parede. No lado da sala voltado para norte, havia uma vitrina com a sua coleção de cachimbos. Eu achava que a sala exibia sempre um ligeiro cheiro a tabaco, mas o meu pai dizia-me que era imaginação minha. Na parede em frente, estava um sofá quase

tão velho como eu e uma poltrona. O resto do espaço era ocupado pelo piano de cauda, que eu nunca aprendera a tocar. Eu e o Danny tínhamos tido lições, mas nenhum manifestava o menor interesse, e os nossos pais deixaram-nos então desistir. As pessoas costumavam dizer, *São filhos da Lisa. De certeza que têm talento. Porque é que não os obrigam?* Mas os nossos pais nunca nos obrigaram, o que me fez ficar-lhes imensamente grata.

Quando entrei na sala de jantar, fiquei surpreendida por estar tão limpa e arrumada em comparação com o resto da casa. O meu pai não precisava daquela divisão, e tinha a certeza de que ele raramente lá entrava. A sala de jantar tinha sido sempre um território da minha mãe. O enorme aparador estava cheio de loiça de porcelana, de jarras e de taças de vidro talhado, que há várias gerações estavam na posse da família. Coisas que a minha mãe guardara com todo o carinho e das quais eu tinha de descobrir uma maneira de me livrar. Deslizei os dedos pela superfície coberta de pó. Para onde quer que me virasse, iria ser confrontada com recordações que precisava de arrancar da cabeça.

Levei a minha mochila para o andar de cima, onde um corredor amplo dava para quatro divisões. A primeira era o quarto do meu pai, com a sua cama *queen-sized* coberta por uma colcha. A segunda, o quarto do Danny e, embora ele não tivesse voltado a dormir naquela casa desde que, aos 18 anos, se fora embora — fugira, como ele costumava dizer —, para mim seria sempre «o quarto do Danny». A terceira era o meu quarto mas, ao longo dos anos desde que eu deixara de viver lá em casa, tinha adquirido um ar austero. Depois de acabar a universidade, tirara de lá a pouco e pouco todos os meus bens pessoais. As recordações dos meus anos de liceu e universidade — fotografias de antigos namorados, livros de curso, CD, esse tipo de coisas — estavam numa caixa na arrecadação do meu apartamento em Durham à espera do dia em que me decidisse a escolher as coisas com que queria ficar.

Atirei a mochila para cima da cama e depois dirigi-me para a quarta divisão — o escritório do meu pai. O enorme e velho monitor do computador dele estava em cima de uma mesinha ao pé da janela, e havia duas paredes revestidas de vitrinas cheias de isqueiros

Zippo e bússolas antigas. O meu avô também tinha sido colecionador e, por isso, o meu pai herdara muitas coisas, às quais juntara as que ia comprando na *Craigslist*, no *eBay* e em feiras de antiguidades. Sabia que as portas das vitrinas estavam trancadas e tinha esperança de conseguir descobrir o esconderijo das chaves.

Encostados à última parede estavam cinco estojos de violinos. O meu pai não tocava, mas lembrava-me desde sempre de ele colecionar instrumentos de cordas. Um dos estojos tinha uma etiqueta com um nome pendurado na pega, e eu ajoelhei-me ao pé dele e levantei a etiqueta. Há muito tempo que não olhava para ela, mas sabia o que lá estava: de um lado, um desenho de uma violeta e, do outro, o nome da minha irmã — *Lisa MacPherson* — e a nossa antiga morada em Alexandria, na Virgínia. A Lisa nunca tinha vivido nesta casa.



A minha mãe morreu pouco depois de eu acabar o liceu. Por isso, embora nunca tivesse deixado de sentir a falta dela, estava habituada à sua ausência. Mas era estranho estar em casa sem o meu pai. Enquanto guardava a minha roupa na cómoda, uma parte de mim estava à espera de que ele entrasse no quarto, e foi-me difícil aceitar a realidade de isso ser impossível. Sentia falta dos nossos telefonemas semanais e da sensação de que ele estava a poucas horas de viagem de mim. Sempre fora tão fácil falar com o meu pai e sempre sentira tão profundamente o seu amor incondicional. Era terrível saber que não restava uma alma neste mundo que me amasse tanto como ele.

Era um homem silencioso. Talvez uma das pessoas mais silenciosas ao cimo da terra. Gostava mais de fazer perguntas do que de dizer o que pensava. Queria saber tudo da minha vida, mas raramente partilhava o que quer que fosse da sua. Como orientadora pedagógica, estava habituada a ser eu a fazer as perguntas, e até gostava de ser questionada, sabendo que a pessoa que me interrogava estava profundamente interessada nas minhas respostas. Mas ele muito solitário. Tinha morrido no chão do Food Lion na sequência de um ataque cardíaco fulminante. Nesse momento estava sozinho, e isso era o que mais me custava.

O Bryan sugerira-me que lhe organizasse uma pequena homenagem, mas eu não sabia quem havia de convidar. Se ele tinha amigos, eu não conhecia nenhum. Ao contrário da maioria dos habitantes de New Bern, o meu pai não pertencera a nenhuma igreja ou organização comunitária, e eu estava certa de que o meu irmão não estaria presente na cerimónia. A relação dele com o pai tinha sido muito diferente da minha. Nem sequer consegui *encontrá-lo* quando cheguei a New Bern, depois da morte do meu pai. O Harry Washington, um amigo do meu irmão que era polícia, disse-me que tinha ido à caravana do Danny para lhe dar a notícia e, cá para mim, ele tinha-se ido embora. O carro ficara estacionado ao pé da caravana, e eu e o Bryan andámos pela floresta à procura dele, mas ninguém conhecia tão bem aquele sítio como o Danny. Tinha lá os seus esconderijos. Mas agora não fazia ideia de que eu estava na cidade e, por isso, desta vez iria apanhá-lo de surpresa. Iria pedir-lhe que viesse ajudar-me com a casa. Mas, conhecendo-o como conhecia, não acreditava que ele dissesse que sim.

O Danny não tinha telefone e, por isso, não havia outra maneira de falar com ele a não ser indo ao seu encontro à caravana. Vivia na floresta, nos arredores do parque de autocaravanas do meu pai, a uns 15 quilómetros de New Bern. Quando voltei para a estrada estreita que ia dar ao Mac's RV Park, a floresta abraçou de tal forma o meu carro que me fez pensar como conseguiriam as autocaravanas descer por aquela estrada. Cheguei ao caminho que seguia o curso do ribeiro. O parque ficava ao fundo da estrada de gravilha, à direita, mas eu virei para a esquerda, para uma estrada de terra cheia de altos e baixos, pela qual iria dar à autocaravana do Danny. Abrandei e cerrei os dentes, perante os solavancos do meu carro na terra batida.

Cheguei ao desvio que ia dar à floresta e virei novamente à esquerda. Aqui a estrada pouco mais era do que um trilho. Seria preciso estar à procura dela para conseguir vê-la, e era assim que o Danny gostava. Os ramos das árvores batiam no para-brisas, enquanto o carro ia passando por cima de pedras e raízes. Nesta estrada, os poucos metros até à caravana do Danny pareciam sempre uma eternidade.

Por fim, vislumbrei um clarão de metal por entre as árvores e preparei-me para o que me esperava. Qual dos Dannys iria encontrar? O irmão mais velho e meigo, cujo sorriso disfarçava a sua tristeza, ou o homem zangado e amargo, que conseguia assustar-me com os seus ataques de fúria? Fosse qual fosse, detestava ser psicóloga e não ter capacidade para ajudar o meu próprio irmão.

Continuei o meu caminho, até chegar à pequena clareira. As árvores formavam uma espécie de gruta verde-esmeralda em volta da terra coberta de agulhas de pinheiro e a pequena e antiga *Airstream*

do Danny, o seu velho *Subaru* e a cama de rede pendurada entre dois pinheiros-mansos quase não me deixavam espaço para estacionar. Tinha trazido dois sacos com mercearias que pendurei no pulso quando saí do carro e dirigi-me para a autocaravana.

O Danny abriu a porta quando me aproximei.

— Olá, Danny — disse, com um sorriso alegre.

— Olá — respondeu ele. — Estava a pensar quando é que ias aparecer. — A expressão dele era difícil de perceber, mas os seus olhos tinham um brilho que me reconfortou. Tinha sido sempre bonito e ainda o era, com os cabelos desgrenhados pelos ombros, de um loiro mais escuro do que quando éramos pequenos, e a intensidade dos olhos azuis realçada pela pele bronzeada. Estava demasiado magro, com a cara cheia de ângulos salientes e superfícies planas. Mas fiquei contente por ver que tinha a barba muito bem aparada. Nas alturas piores, deixava-a crescer e ficar toda emaranhada. Tinha-me habituado a olhar para a barba dele como indicador do seu estado de espírito.

— Passei por cá quando o Papá morreu, mas não te encontrei.

— E ficaste admirada?

Pronto, pensei. Hoje é o Danny zangado.

— Trouxe-te comida e tabaco — disse-lhe, levantando os sacos. Também tinha trazido fruta, pêssegos, um melão e uma caixa de morangos, mas um dos sacos estava cheio de embalagens de massas com queijo, de que ele tanto gostava, e de *Marlboros*. Há muito tempo que desistira de o tentar convencer a comer melhor. Para mim, era mais importante fazê-lo feliz. Resisti a comprar-lhe bebidas, tinha a certeza de que isso não lhe faltava.

Estendi-lhe os sacos e ele agarrou-os, afastando-se para eu entrar. Como sempre, senti um enorme desejo de o abraçar, quando ia a subir para a caravana, mas tinha havido uma altura em que deixámos de nos abraçar. Ele era quatro anos mais velho do que eu e, até aos meus 10 ou 11 anos, dizia sempre que ele era o meu melhor amigo. Fora nessa altura que a adolescência se apoderara dele, para não mais o largar.

— Precisamos de conversar — disse-lhe.

— É mesmo preciso? — perguntou-me num tom que me deu a entender que ele sabia perfeitamente que tínhamos muito que conversar.

— É, é mesmo preciso. — Há meses que não entrava naquela autocaravana e já me tinha esquecido de que a inclinação dela para um dos lados me provocava tonturas quando entrava naquele espaço minúsculo. A cama de montar estava numa ponta e a mesa e os bancos na outra, sendo que não estavam a mais de cinco passos de distância. Sabia que ele gostava daquele espaço reduzido. Uma vez tinha-me dito que o fazia sentir-se seguro e controlado. Mas o meu irmão não era propriamente um eremita. Por mais de uma vez, vislumbrei sinais de que lá tinha estado uma mulher — batom numa chávena de café ou um romance em cima da bancada. Era impossível olhar para o meu irmão sem fixar nele os olhos. As minhas amigas babavam-se por ele quando éramos adolescentes. Agradava-me a ideia de ele ter ali companhia de vez em quando.

Quando comecei a arrumar a comida, senti a frágil corrente de ar que saía com um zumbido do aparelho de ar condicionado montado na janela. Nunca consegui perceber bem como é que ele tinha ali electricidade, mas ele lá tinha arranjado maneira de ligar um gerador que o mantinha suficientemente fresco no verão e quente no inverno. Também era o gerador que fazia o portátil dele funcionar. O computador que estava em cima da mesa era a única coisa verdadeiramente deslocada naquela caravana, que parecia ter vindo diretamente dos anos cinquenta. O Danny sempre fora um génio da tecnologia e, na tropa, tinha sido especialista em Informática. Estava preso àquele portátil pelas pontas dos dedos, o que me deixava verdadeiramente feliz. Mantinha-se em contacto por correio eletrónico com alguns dos tipos que tinham estado com ele na tropa, e eu achava que ele precisava dessa camaradagem. Só gostava que ele se mantivesse em contacto *comigo* tanto quanto com eles. Às vezes sentia que os e-mails que lhe mandava iam parar ao éter.

Pus o leite no frigorífico. Ele estava encostado à bancada, a observar-me.

— O Bryan veio contigo? — perguntou-me.

— Acabámos. — Fechei a porta do frigorífico. — Fui eu — acrescentei.

— Pensava que tinhas dito que ele era «o tal».

Fiquei admirada por ele se lembrar de eu ter dito aquilo.

— Pensei que era — disse-lhe. — Mas ele estava separado da mulher há três anos e continuava sem fazer nada para se divorciar. Cansei-me de esperar. — Tinha a certeza de que o Bryan me amava mas, como casal, não tínhamos futuro. Era pai de dois filhos maravilhosos, e eu sabia que ele ainda gostava da mulher. Tinha a sensação de que me estava a interpor entre eles. — A realidade encontrava-se mesmo à frente do meu nariz, só que demorei muito tempo a vê-la.

— Ainda bem para ti. — O Danny parecia sincero.

— Pensava que gostavas dele.

— Não gostava de ver como andavas iludida. — Cruzou os braços, recostou-se no assento e olhou com mais atenção para a minha cara. — E sabes que mais? Estás com ótimo aspeto. Dá a sensação de que te livraste de um fardo que te andava a deitar abaixo.

— Pois, pois. — Dei uma gargalhada. Como é que eu podia estar com um aspeto ótimo, se me sentia tão infeliz? Mas fiquei comovida. Por baixo da sua capa carrancuda e, às vezes, cáustica, o meu irmão continuava a ser um amor.

Tirou um maço de tabaco do pacote que eu lhe tinha levado, abriu-o e acendeu um cigarro. Estendeu-me o maço para me oferecer um, como se eu tivesse começado a fumar desde a última vez que o tinha visto. Abanei a cabeça e sentei-me num dos bancos junto à mesa.

A espingarda dele estava diretamente na minha linha de visão, encostada à parede ao lado da bancada. Apanhava caça menor na floresta e, tanto quanto eu sabia, aquela espingarda era a única arma que ele tinha. Esperava que fosse mesmo. O Harry Washington dissera-me que toda a gente da polícia achava que o Danny «tinha um parafuso a menos». O Harry fora para o Iraque com o Danny, e eu sabia que ele andara sempre a protegê-lo. Tinha-me mandado um mail há umas semanas a dizer que o Danny fora proibido de entrar no seu bar preferido por ter andado à pancada com o empregado e agora frequentava o Slick Alley, um bar que, nas palavras do Harry, lhe provocava arrepios sempre que passava por perto.

Tornei a olhar para a espingarda. Já tinha assistido a ataques de fúria do meu irmão, mas nem de perto me preocupava tanto a hipótese de ele a usar contra outra pessoa como a possibilidade de a usar contra si próprio. Embora a perna estilhaçada com que voltara

do Iraque o tivesse perturbado muito, as suas «feridas» psicológicas eram ainda piores. Se bem que, para ser franca, ele já não estivesse em grande forma antes de partir.

— Como é que estás? — perguntei-lhe, levantando os olhos na sua direção.

Ele deu um bafo no cigarro e acenou com a cabeça.

— Estou bem — respondeu por entre uma nuvem de fumo. Sentou-se à minha frente, afastou o portátil e deitou a cinza para a tampa de um frasco.

— Tens tomado os remédios? — perguntei.

— Não me chateies, maninha — retorquiu. Eu sabia que ele não os tomava. Detestava o cocktail de medicamentos que o psiquiatra da Associação de Veteranos lhe tinha receitado.

— Esquece. — Pousei as mãos entrelaçadas sobre a mesa, como se estivesse prestes a começar uma reunião. — Portanto... sou a executora testamentária do Papá, como provavelmente sabes, e vou passar umas semanas em New Bern para tratar... dos bens dele. — A palavra parecia ridícula associada ao meu pai, e o Danny fez um som de troça com a garganta. — Podes ficar com o carro dele. Tem poucos anos e...

— Não quero a porcaria do carro.

— Está bem. — Tornei a recuar. Trataria disso mais tarde. — E a casa? Acho que devíamos vendê-la, mas podias mudar-te para lá, se...

— Não, obrigado. — Deu mais um bafo no cigarro, fitando-me com um olhar carregado, como se eu o tivesse insultado só por sugerir que ele se mudasse para a casa onde tínhamos passado a nossa infância. — Podes decidir o que quiseres em relação à casa e a tudo o que está lá dentro. Só me interessa que este terreno — apontou para o chão da caravana —, aqui mesmo onde estamos sentados, seja meu para sempre.

— Vamos ter de vender o parque — disse-lhe eu —, mas acho que tecnicamente este terreno já não pertence ao parque.

— Pois não — confirmou o Danny. — É completamente independente.

— Está bem. Então, vou falar com a advogada para arranjar maneira de este terreno ficar para ti. Queres vir comigo amanhã? — perguntei-lhe. — Falar com a advogada? Gostava que tu soubesses...

— Não — disse o Danny.

Acenei com a cabeça, sem qualquer surpresa e ciente de que provavelmente era melhor assim. Ele só iria complicar as coisas. Ia estar tão ansioso que não conseguiria ficar sentado sossegado, ou então ia irritar-se, sair da sala e bater com a porta. O Danny era tudo menos previsível.

— Tudo bem. — Estava a ficar mesmo incomodada com o fumo, mas decidi aguentar. — Tenho de arranjar a casa para a poder pôr à venda. Ajudas-me? Não é propriamente no trabalho físico, mas temos de ver tudo e...

— Porque é que não arranjas alguém para tirar tudo de lá? — sugeri o Danny, batendo com o cigarro na borda do cinzeiro improvisado.

— Porque... não é assim que se fazem as coisas. — Abanei a mão para afastar o fumo e inclinei-me para ele. — Ouve, Danny, preciso da tua ajuda. Faz isso por mim, está bem? Não é pelo Papá. É por *mim*. É demasiado trabalho só para uma pessoa.

Ele levantou-se e apagou o cigarro no lava-loiça, abrindo a água por um momento. Sabia que o tinha sensibilizado ao pedir-lhe que fizesse aquilo por mim e não pelo nosso pai.

— Isto é tudo uma merda tão grande — disse o Danny.

— Isto, o quê?

— Tudo.

Tentei imaginar o que iria dentro da cabeça dele. Num dos seus momentos de maior vulnerabilidade, tinha-me dito que estava sempre com medo. Reagia a qualquer som mais forte como se estivesse a ser atacado. Os pesadelos levavam-no de volta ao Iraque, onde tinha feito coisas que se recusava a contar-me. *Se eu te contasse, nunca mais olhavas para mim da mesma maneira.* O Papá tinha tentado ajudá-lo, mas o Danny manifestava uma animosidade em relação ao pai que eu nunca consegui perceber. O nosso pai acabou por desistir, e não consegui levar-lhe a mal. Mas *eu* não ia desistir. Era esse Danny vulnerável que eu tentava recordar quando ele se tornava beligerante.

— Gostas de mim? — perguntei-lhe.

Ele levantou a cabeça de repente.

— Claro que sim — respondeu, e os seus ombros descaíram, como se admitir esse facto fosse uma derrota para ele. Suspirou

e voltou a cara para mim. — O que é que querias que eu fizesse? — Tinha-se tornado, subitamente, um menino pequenino, desejoso de me agradar, mas com medo da minha resposta.

— Deixa-me falar com a advogada amanhã e perceber o que temos exatamente de fazer. — *Têmos*. Ia fazer com que o assunto nos envolvesse a ambos. — E se eu te arranjasse um telemóvel pré-pago para podermos comunicar enquanto eu cá estiver?

— Não — disse o Danny, abanando a cabeça. Não percebi bem se ele queria dizer «não me arranjes telemóvel nenhum» ou «não faças mais nenhuma sugestão, senão passo-me».

— Estás com bom aspeto, Danny — disse-lhe, e levantei-me. — Gosto tanto de ti. — E gostava mesmo. Agora, a minha família resumia-se a ele.



Nessa noite, fiz a cama de casal do meu antigo quarto. Podia ter dormido no dos meus pais, que era muito maior e tinha a cama *queen-sized*, mas não consegui fazê-lo. Para mim, era ainda um espaço privado deles, e não estava preparada para o invadir.

Nas duas semanas que passaram desde que me tinha separado do Bryan, ir para a cama tinha-se transformado na parte mais difícil do meu dia. Era a essa hora que costumávamos falar ao telefone para dizermos «boa-noite» e «amo-te». Sentia tanta falta dessas chamadas. Na primeira semana a seguir à separação, liguei todas as noites para a Sherise em vez de ligar ao Bryan. Não sei como é que ela teve paciência para aturar a minha choraminguice e os meus lamentos. Agora era impossível contactá-la, porque estava no Haiti, e isso fazia-me sentir órfã.

À meia-noite ainda estava acordada, a olhar para o teto. Não ia conseguir adormecer. Levantei-me, desci a escada e fiz um chá de camomila no micro-ondas. Quando estava a voltar para o quarto, vi a minha mala em cima da secretária do meu pai e lembrei-me do envelope roxo que tinha trazido dos Correios. Levei-o para cima e tornei a meter-me na cama, bebendo o chá enquanto observava os arabescos escritos no papel roxo. *Fred Marcus*. Sem remetente. Hesitei por

um momento antes de abrir o envelope com o dedo. A única coisa que estava lá dentro era um postal. Na parte da frente tinha uma fotografia a cores de uma banda, talvez de música *bluegrass* ou *country*. Duas mulheres e dois homens, todos eles com instrumentos de corda. Na parte de baixo da fotografia, estava escrito *Jasha Trace*. Devia ser o nome da banda. No verso estavam as datas de uma digressão e, no sítio onde devia estar o destinatário, estava escrito, com a mesma letra cheia de rabiscos: *Estou desejosa de te ver! Onde é que havemos de nos encontrar? Beijinhos.*

Bolas! Agora sentia-me mesmo mal. Quem quer que fosse o tal Fred Marcus, agora não ia receber o postal, porque eu o tinha trazido dos Correios. Devia tê-lo deixado lá. Ou até mesmo ter pago a caixa postal, para que ficasse aberta mais algum tempo.

Com um suspiro, inclinei-me para deitar o postal e o envelope no cesto dos papéis. Já tinha coisas suficientes para tratar, para ainda estar a preocupar-me com os problemas de um desconhecido. O Fred Marcus teria de resolver aquilo sozinho.

— **O** seu pai fez este testamento há três anos. — Suzanne Compton, a advogada do meu pai, debruçou-se sobre a secretária para me dar uma cópia do documento. Folheei-o. Enquanto eu ainda estava em Durham, a Suzanne tinha-me ajudado a fornecer ao tribunal a informação necessária para ter acesso às contas do meu pai, mas eu resolvera deixar o testamento para agora, para poder falar pessoalmente com ela.

— Como lhe disse ao telefone — continuou a Suzanne —, ele dividiu tudo a meias entre si e um fundo para o seu irmão. A casa. O RV Park. O saldo das contas bancárias, etc., etc. Vai ficar como depositária dos bens do Daniel e, por isso, temos de conversar sobre as suas responsabilidades em relação a isso.

Acenei com a cabeça. Claro que eu já sabia do fundo, mas só naquele momento me apercebi de que ia passar a controlar o dinheiro do Danny, que só poderia gastá-lo em certas coisas para evitar perder o subsídio de invalidez.

— O seu pai tinha um pequeno seguro de vida. Parece que o subscreveu quando trabalhou para o Estado. Pagou sempre os prémios e, por isso, são 50 mil dólares também a dividir pelos dois.

— Ele nunca trabalhou para o Estado — disse-lhe eu, com medo de que ela tivesse misturado casos diferentes. — O trabalho dele foi sempre à frente do Mac's RV Park.

— Bem, a apólice é antiga. — A Suzanne esfregou a nuca por entre o cabelo loiro que lhe dava pelo queixo. Parecia um bocado ensonada ao folhear algumas notas daquilo que aparentemente seria o ficheiro do meu pai, mas não podia estar nem de perto tão cansada como eu, depois de quase uma noite inteira sem dormir. — Ele subscreveu

a apólice em 1980, quando pertencia aos U.S. Marshals — acrescentou a Suzanne.

— Aos U.S. Marshals? Não me parece... — A minha voz desvaneceu-se quando fui assaltada por uma vaga recordação da infância. Eu e o Danny estávamos a fazer um castelo de areia na praia e vimos um polícia prender uns bêbedos que faziam imenso barulho. *Dantes o Papá também prendia pessoas*, dissera o Danny. *Era dos U.S. Marshals*. Lembrava-me do orgulho na voz dele, mas na altura eu não teria mais de 5 anos e não fazia a menor ideia do que ele estava a falar.

Sorri e disse à Suzanne:

— Quando era pequena, o Danny disse-me que o nosso pai tinha sido dos U.S. Marshals. Devia ser disso que ele estava a falar. Em 1980, quando diz que ele subscreveu o seguro, a minha família vivia no norte da Virginia, perto de Washington, D.C. Por isso, acho que faz sentido. Mas não fazia a menor ideia de que ele tinha sido funcionário público. O meu pai nunca falou disso.

— Bem, foi há muito tempo. — A Suzanne olhou para o testamento, deixando bem claro que não queria perder tempo. — O seu pai era um grande colecionador, não era? Ele disse-me que a coleção mais valiosa era a dos violinos e, a seguir, a de cachimbos e que queria que essa ficasse para Thomas Kyle.

— A sério? — Recostei-me na cadeira, surpreendida. O Tom Kyle? Ele e a mulher, a Verniece, viviam há muito tempo no parque de autocaravanas do meu pai, mas eu mal os conhecia. Sempre achei o Tom um velho rabugento, mas a mulher era muito querida. Quando o meu pai morreu, pedi à Suzanne para fazer um contrato para que o Tom ficasse durante algum tempo a tratar das reservas e dos pagamentos do parque. Tanto quanto eu sabia, tinha corrido tudo bem.

— Quer contestar? — perguntou a Suzanne.

Abanei a cabeça, devagar.

— Não. Só estou surpreendida. Pelos visto, o meu pai e o Tom eram mais próximos do que eu pensava. Foi um gesto simpático do meu pai deixar-lhe alguma coisa. — Estava contente pelo facto de o Papá ter um amigo de quem gostava tanto. Os cachimbos deviam valer uns milhares de dólares. — O Sr. Kyle sabe? — perguntei.

— Não. Como é a executora testamentária, tem de o avisar. Pode dizer-lhe para me ligar, se tiver alguma dúvida. Vou redigir um documento que terá de ser assinado por si e por ele. — Tornou a baixar os olhos. — Para além disso, a única coisa que consta do testamento é que o piano e 10 mil dólares ficam para Jeannie Lyons.

O nome não fazia sentido para mim. Há anos que não o ouvia.

— A sério? — perguntei.

— Conhece a Jeannie? É a agente imobiliária?

— Ela era amiga da minha mãe do tempo em que nós éramos pequenos, mas a Mamã morreu há sete anos. Lembrava-me de a minha mãe e a Jeannie irem dar um passeio, para aí de dois em dois anos. Ela costumava dizer que era «uma escapadela de miúdas». Iam para a praia ou para Asheville, que era onde a Jeannie vivia na altura, se a minha memória não me estava a falhar. — Não sabia que o meu pai tinha mantido o contacto com ela.

— Temos de admitir a hipótese de ter sido a sua mãe a pedir-lhe que deixasse qualquer coisa à Jeannie — sugeriu a Suzanne. — A Riley, ou o seu irmão, têm algum problema em que ela fique com o piano ou com o dinheiro?

Abanei a cabeça.

— Se era essa a vontade do meu pai... Até porque o Danny mora numa autocaravana, e eu num apartamento pequeno. — Depois, acrescentei com um sorriso: — Além disso, nenhum de nós sabe tocar.

— Então, tem de falar com a Jeannie — disse a Suzanne. — Além disso, ela pode ajudá-la com a casa e o parque, se quiser vendê-los.

— Quero, sim — respondi. — Só preciso de ter a certeza de que o terreno onde o meu irmão mora não é vendido.

— Pergunte à Jeannie como há de destacá-lo, e depois fazemos um contrato qualquer para ele poder continuar lá. — A Suzanne voltou mais uma vez aos seus papéis. — Tenho aqui anotado que o seu pai tinha cerca de 200 mil dólares em poupanças na altura em que fez o testamento. Portanto, isso mais o seguro, mais o valor da casa e do parque, que a Jeannie pode ajudá-la a obter, serão divididos por si e pelo fundo do seu irmão.

Passou-me pela cabeça a palavra *Uau*, mas achei que não ia cair bem dizê-la. Naquele momento, tinha seis mil dólares na minha

conta-poupança. Não ganhava quase nada como orientadora pedagógica e achava que tinha sido um grande feito juntar aquele dinheiro.

— Vou dar-lhe um conselho: não comece a gastar à toa — disse a Suzanne. — Guarde o dinheiro. Arranjei um bom consultor financeiro. Posso aconselhar-lhe alguém mas, provavelmente, prefere uma pessoa de Durham. Mas tenha cuidado com o dinheiro e deixe-o «crescer». Pode comprar uma casa para si e deixar esse tal apartamento minúsculo. Espero sinceramente que o dinheiro seja uma ajuda para o seu irmão. Como é que ele está?

— Conhece-o? — perguntei, não propriamente surpreendida. Quase toda a gente em New Bern conhecia o Danny de uma maneira ou de outra. Ele despertava um conjunto estranho de emoções nas pessoas: gratidão pelo seu serviço militar, compaixão pelos seus ferimentos e apreensão pela sua imprevisibilidade.

— Nunca o conheci pessoalmente — respondeu a Suzanne. — Mas fui eu que criei o fundo para ele. Ao que parece, passou por momentos muito difíceis. — Dirigiu-me um sorriso simpático, enquanto fechava a pasta pousada em cima da secretária, e fiquei grata por ela falar do Danny com compreensão e não com desdém.

— Pois passou — confirmei.

— Só mais uma coisa — disse ela, quando nos levantámos. — Quando alguém morre inesperadamente, como aconteceu com o seu pai, as pessoas não têm tempo de limpar o que está para trás, como por exemplo apagar sites que tenha visitado no *Google*, ou coisas do género. Por isso, não tente descobrir muita coisa sobre a vida pessoal dele. Não arranje preocupações.

— Está a ocultar-me alguma coisa? — perguntei-lhe, franzindo a testa.

— Não. Eu mal conhecia o seu pai. — Deu a volta à secretária, acompanhando-me até à porta. — Mas, quando o meu pai morreu, descobri... sites pornográficos e coisas desse tipo no computador dele, que preferia não ter visto. — Com um sorriso envergonhado, acrescentou: — É só um pequeno aviso.

— Não imagino o meu pai interessado por pornografia — respondi, já com a mão no puxador da porta.

— Nunca se sabe. Parece que o seu pai estava cheio de surpresas.

Queria ter um irmão normal. Um irmão com quem pudesse falar calmamente sobre o meu encontro com a Suzanne. Um irmão com o qual pudesse chorar a morte do nosso pai. Mas nunca iria ter esse irmão e, apesar de eu ter conseguido instilar-lhe um sentimento de culpa suficiente para o fazer ir comigo lá a casa nessa noite, a ansiedade dele equivalia a ter uma terceira pessoa no meu carro, à medida que nos íamos afastando do parque de autocaravanas. Disse que tinha pouca gasolina no carro e que não tinha dinheiro para pôr mais e, então, eu fui buscá-lo e tentei dar-lhe o dinheiro que tinha tirado do fundo dele, mas ele virou a cara, com uma expressão aborrecida. Não podia levar-lhe a mal. O seu orgulho estava ferido por de repente depender da irmã mais nova para ter dinheiro.

Parei no MJ's para comprar meio quilo de camarões e batatas fritas, mas o coração quase me saltava do peito enquanto esperava que me atendessem, com medo de voltar para o carro e ver que o Danny se tinha ido embora. Mas ele continuava lá, a encher o carro de fumo de cigarro. Se precisava de fumar para conseguir aguentar, tudo bem. Se precisava de beber, tudo bem. Tinha comprado seis cervejas nessa tarde. E compraria tudo o que fosse preciso.

Antes de pôr o carro a trabalhar, procurei na mala o telemóvel que lhe tinha comprado.

— Está aqui um telemóvel pré-pago para podermos manter-nos em contacto — disse-lhe ao mesmo tempo que lho entregava.

— Não quero mesmo telemóvel nenhum — respondeu o Danny.

— Só enquanto eu estiver cá. — Pus-lhe o telemóvel na mão.

— Registei o meu número nos teus contactos, e tenho o teu número

nos meus. — Passado pouco tempo, ele fechou os dedos à volta do telemóvel e meteu-o no bolso das calças.

Satisfeita, pus o carro a trabalhar e seguimos a caminho de casa, com o cheiro dos temperos da comida a misturar-se com o fumo do tabaco. Estacionei na rampa, e atravessámos a relva devagar, subindo depois os degraus da frente. Pareceu-me que ele não coxeava tanto como era costume, mas tive a sensação de que o seu passo estava lento e rígido por causa das dores. Ou talvez ele quisesse adiar o mais possível o momento de entrar naquela casa na qual não entrava há anos.

— O Papá tem uma conta-poupança com cerca de 200 mil dólares — disse ao Danny, quando íamos a atravessar a sala em direção à cozinha. Ele voltou a cabeça para a direita e para a esquerda, a tomar o pulso à sala. Tinha as minhas dúvidas de que alguma coisa tivesse mudado desde a última vez que ele lá estivera. — Metade desse dinheiro vai para o teu fundo.

— Para que é que eu queria tanto dinheiro? — perguntou o Danny quando chegámos à cozinha. Eu sabia que era uma pergunta retórica.

— Bem — pousei o saco na bancada —, se alguma vez precisares dele, é só dizeres. — Já lhe tinha dito que ele podia ficar com o terreno onde estava a autocaravana.

Ele dirigiu-se imediatamente para o frigorífico, abriu a porta e tirou uma garrafa de cerveja da embalagem.

— Como é que ele conseguiu juntar tanto dinheiro? — perguntou o Danny, enquanto fechava a porta do frigorífico.

Abri o guarda-louça à procura de pratos.

— Pelos vistos, gostava muito de poupar. Não tinha grandes despesas — disse-lhe. E foi dos U.S. Marshals, mas acho que tu sabias disso?

— Hum. — Abriu algumas gavetas, antes de encontrar o abre-garrafas.

— Ele era maluco, não era? Deixar de trabalhar para o Estado para se enfiar aqui a explorar um parque de autocaravanas?

Olhei de relance para ele enquanto tirava do armário dois pratos antigos de cerâmica franciscana que tinham pertencido à minha mãe.

— Se calhar, sentia o mesmo que tu sentes. Sabes perfeitamente o que eu quero dizer. Escolheu um estilo de vida mais calmo do que a loucura de Washington, D.C.

— Não sei se no meu caso foi escolha minha — disse o Danny, bebendo um gole de cerveja.

Apontei com a cabeça para a porta das traseiras, e o Danny foi comigo para a marquise, onde pousei os pratos na mesa coberta com um oleado. Abri o saco do MJ's ao som das canções das cigarras e dos grilos que se escutavam ao pôr do sol. Adorava aquele alpendre. Fazia-me lembrar de quando era pequena. Passava o verão a ler, sentada numa das cadeiras de baloiço. Ainda me recordava de alguns dos livros que tinha devorado nessa altura, quando a vida parecia muito mais simples do que agora.

— Lembras-te de estarmos aqui quando éramos pequenos? — perguntei-lhe enquanto tirava os camarões da embalagem.

— Bolas, pá, estes pratos! — exclamou o Danny, como se não tivesse ouvido o que eu tinha dito. Olhou para o prato creme com um rebordo com maçãs pintadas à mão. — Temos de comer nestes pratos?

— Que mal é que têm?

— É que... parece que tenho outra vez 15 anos.

Apetecia-me espicaçá-lo. Perguntar-lhe porque é que ter 15 anos lhe provocava um sentimento tão terrível, mas já tinha tentado antes e sabia que não levaria a lado nenhum.

— Por acaso, adoro estes pratos — respondi. — Fazem-me lembrar a Mamã.

— Exatamente — disse o Danny.

Não lhe ia buscar outro prato. Tirei uma mão-cheia de camarões e empurrei a embalagem para ele.

— Se o tapares com camarões, já não vês o desenho — sugeri-lhe, e fiquei contente quando ele pegou na embalagem.

— Então? — Comecei a descascar um camarão e, achando que era melhor afastar o assunto da nossa família durante algum tempo, perguntei-lhe: — Conte-te tudo sobre a minha triste vida amorosa. E a tua? Tens alguém especial?

Encolheu os ombros, evitando comprometer-se.

— Vêm e vão, e é assim que eu gosto. — Comeu um camarão, acabou a cerveja e levantou-se. — Queres outra?

— Não, obrigada. — Fui comendo batatas fritas, enquanto esperava que ele voltasse. Odiava a tensão que existia entre nós. Ele parecia-me frágil. Fácil de quebrar.

A garrafa dele já ia a meio quando tornou a sentar-se e, no momento em que começou a descascar um camarão, vi que as suas mãos tremiam. Questionei-me se ele andaria a drogar-se. Tinha fumado muita erva quando voltou do Iraque mas, tanto quanto eu sabia, hoje em dia o álcool era a sua droga de eleição.

— Temos de falar da casa — disse-lhe, contando-lhe tudo aquilo de que ficara a saber pela Suzanne. — O piano mais 10 mil dólares são para a Jeannie Lyons, o que eu acho muito estranho. Ela era amiga da Mamã, mas eu...

— Sei quem é — disse o Danny, bebendo outro golo de cerveja. — Ela tenta falar comigo sempre que me vê na cidade, mas eu ponho a minha cara assustadora de síndrome pós-traumática, e ela deixa-me em paz.

Ri-me. Ele manteve uma expressão indiferente e, por isso, não fazia ideia se era para ter graça ou não mas, de qualquer forma, gostei da honestidade dele.

— E também deves conhecer o Tom Kyle — disse-lhe. — Mora ao fundo do parque?

— É um idiota do caraças. Anda sempre com calças de camuflado, como se quisesse passar por qualquer coisa que não é.

Mordisquei uma batata frita.

— Bem, não o conheço lá muito bem, mas ele tem-nos ajudado no parque desde que o Papá morreu, e estou-lhe grata por isso. E o Papá deve ter tido uma relação qualquer com ele, porque lhe deixou a coleção de cachimbos.

— Para que é que alguém há de querer uma molhada de cachimbos velhos?

— Sabe-se lá — retorqui. — Mas é menos uma coisa que temos de resolver e, por isso, não me importo nada. Aquilo em que preciso de mais ajuda é para meter em caixas as coisas que são para dar. Estás a perceber? Temos de tirar tudo de casa para podermos pô-la

à venda. — Imaginava-nos a trabalhar juntos durante algumas semanas, ombro a ombro. Talvez conseguisse que ele falasse comigo. Que se abrisse.

Ele parou de descascar o camarão, olhou para o pátio, agora já quase às escuras, e disse:

— A sério. É melhor contratares alguém. Eu não consigo.

Falou com uma voz suave, mas segura, como se estivesse a tentar tomar uma decisão e finalmente tivesse conseguido fazê-lo.

— Porquê, Danny? — perguntei-lhe calmamente.

— Voltar a esta casa fez-me perceber que... — Olhou para mim, mas só por um segundo, e voltou a baixar os olhos para o resto do camarão que estava no prato. — Não quero andar a remexer nas velharias deles. Em coisas como estes pratos. — Bateu com o dedo na borda do prato. — Não quero vê-las.

— Está bem... — disse-lhe eu e pensei em como gostava de desvendar o enigma que era o meu irmão.

— Tenho tantos pesadelos com a nossa família como tenho com o Iraque — acrescentou o Danny.

— Não percebo. Nunca foste maltratado nem nada do género.

Ele levou a garrafa à boca e inclinou a cabeça para trás, para sorver a última gota de cerveja.

— Há vários tipos de maus-tratos — disse o Danny, pousando a garrafa.

— Do que é que estás a falar?

— Só te estou a dizer que tens de contratar alguém para te ajudar com a casa. — Agora, já havia uma certa impaciência na voz dele. — Não quero ter nada a ver com isso. — Levantou-se e foi à cozinha. Ouvi a porta do frigorífico a abrir-se outra vez, enquanto eu empilhava os pratos e os levava para a cozinha.

Quando lá cheguei, a cozinha estava vazia, mas vi-o na sala de estar. Pousei tudo na bancada ao pé do lava-loiça e fui até à porta entre as duas divisões. O Danny estava a olhar para a parede com os álbuns de vinil, tinha uma mão no bolso das calças e, na outra, mais uma garrafa de cerveja.

— Qual era o interesse disto tudo? — perguntou, apontando a garrafa na direção dos álbuns. A raiva que senti na sua voz impediu-me

de entrar na sala. — Nem a vida toda chegava para ouvir tantos discos. Que mania tão estúpida. Ele era um obcecado.

— Era a paixão dele — disse-lhe com cuidado. Lembrava-me de a nossa mãe dizer que o Papá precisava das suas paixões e, embora ela nunca tivesse dito mais do que isso, eu sabia que queria dizer que ele precisava de qualquer coisa que o impedisse de pensar na filha que tinha perdido. — Lembras-te de a Mamã e o Papá falarem sempre da nossa família como se tivessem só dois filhos? Como se a Lisa nunca tivesse existido?

O Danny não desviou os olhos dos discos, mas vi o tremor rápido das suas narinas. Quando éramos pequenos, tínhamos aprendido os dois a responder sempre da mesma maneira, quando as pessoas nos perguntavam quantos éramos. Respondíamos, *Só dois*.

— Era como se não pudéssemos falar da Lisa — continuei. — Ainda agora, quando falei dela, vi a tua expressão mudar e...

— Mas que merda! — gritou ele, de repente. Voltou-se e levantou os braços como se fosse lançar uma bola. Mandou a garrafa de cerveja pelo ar com toda a força, como se estivesse a lançar um míssil contra a parede onde estavam os cachimbos. Dei um passo atrás, quando as portas de vidro do armário explodiram em milhões de bocadinhos.

O Danny deu meia-volta e saiu porta fora como um furacão.

— Danny! — gritei, demasiado atordoada para me mexer. Ele tinha-se ido embora, batendo com os pés nos degraus, antes de eu ter conseguido absorver o que acontecera.

Fiquei a olhar para a vitrina, agora sem vidros a protegê-la. Alguns dos cachimbos tinham caído dos seus pequenos apoios de madeira. Também havia uns no chão. As portas ainda tinham bocados de vidro espetados na armação, fazendo lembrar gelo partido num lago, e por toda a sala — *por todo o lado* — havia vidrinhos a brilhar. Os minúsculos estilhaços cintilavam em todas as superfícies da sala.

Mantive-me ali parada, como que paralisada, durante alguns segundos até que me lembrei de que o Danny não tinha carro. A única maneira de ele percorrer os 15 quilómetros até à sua caravana era a pé. Peguei na mala e nas chaves e saí porta fora para ir procurá-lo.



New Bern estava escura e em silêncio, quando comecei a andar devagar na direção em que pensava que ele tinha ido. Vi-o quando passou por baixo de um candeeiro de rua, a coxear terrivelmente, a caminho dos arredores da cidade. Parei o carro e abri a janela do lado do passageiro.

— Entra — ordenei. Ele parou de andar, mas não olhou para mim. — Vá lá, Danny — pedi. — Por favor.

Percebi o momento em que ele se rendeu — aquele sinal de baixar os ombros, que significava uma derrota. Dirigiu-se para o carro e abriu a porta.

— Não me leves outra vez lá para casa — disse, quando entrou. — Leva-me para a minha casa, está bem?

— Claro. — Naquele preciso momento, desisti da ideia de ele me ajudar com a casa.

Percorremos alguns quilómetros em silêncio. Não fazia ideia daquilo que devia dizer para evitar que ele sáisse do carro de rompante. Ao fim de algum tempo, ele ligou o rádio e foi carregando no botão *Scan* até encontrar alguma coisa que lhe agradasse. *Hip Hop*. A canção que tocava era conhecida, e o seu ritmo forte levou-nos a ambos a acenar com a cabeça em sintonia, independentemente de estarmos ou não com disposição para ouvir música.

— Os miúdos com quem trabalho adoram esta canção — disse-lhe, grata por ter encontrado um tema neutro. Depois lembrei-me da espingarda que estava na caravana à espera dele e, a partir daí, não consegui pensar em mais nada. Não havia dia em que não perguntasse a um miúdo se tinha pensamentos suicidas, mas agora as palavras estavam presas na minha garganta.

— Enquanto cá estiver, faço questão de ir contigo à Associação de Veteranos — resolvi dizer.

— Para quê?

— Não te irrites, Danny. Se estás *mesmo* a tomar os medicamentos, precisam de ser corrigidos, não achas?

— Não, acho que não.

— Deixa-me ir contigo. Não podes continuar assim. Há quanto tempo é que não vais a um psiquiatra?

— Vai-te lixar! — berrou o Danny.

A estrada escura à frente dos meus olhos ficou enevoada, engoli em seco para afastar a dor que sentia, e cerrei os dedos sobre o volante.

Ao fim de algum tempo, ele estendeu a mão para tocar na minha.

— Desculpa. Sei que queres ajudar-me, mas não podes. Tens de aceitar isso, está bem? Eu sou mesmo assim.

Assenti, embora não concordasse. De forma alguma.

— Não te preocupes com a casa — disse-lhe, quando virei para a estrada que ia dar ao parque de autocaravanas. — Eu trato de tudo.

— Virei à esquerda para a estrada de terra batida, e fomos os dois a balançar devagar por entre a escuridão.

— É aqui. — O Danny apontou para a abertura quase invisível entre as árvores que ia dar à clareira e à autocaravana. Virei à esquerda, com cuidado, e segui pela vereda até os faróis iluminarem o carro dele e a velha *Airstream*. Parei e desliguei o carro.

— Vou entrar também.

— Não — disse ele, enquanto procurava o puxador.

A única coisa que havia na minha cabeça era a espingarda.

— Alguma vez pensaste em suicidares-te? — As palavras saíram-me de rompante. Quando me virei para ele, fiquei surpreendida ao ver que tinha lágrimas nos olhos.

Não respondeu logo e, quando finalmente o fez, foi com uma voz doce.

— Eu estou bem, Riles. — Senti um assomo de amor, quando ouvi o nome pelo qual me tratava quando éramos miúdos. — A sério — disse ele. — Estou mesmo. Só não aguentei estar mais tempo naquela casa.

Meti a mão na mala, tirei o molhinho de notas de 20 e estendi-lhas.

— Toma, isto é teu. Aceita.

Ele hesitou, mas depois tirou-me as notas da mão.

— Adoro-te, Danny.

— Obrigado por teres arranjado maneira de eu ficar com o terreno. — Abriu a porta e saiu do carro. As palavras dele animaram-me. Se o meu irmão estava preocupado com o terreno era porque ainda pensava no futuro. Não ia rebentar com os miolos. Pelo menos, naquela noite.

Deixei os faróis acesos até ele entrar na autocaravana e depois tive de fazer uma série de manobras até ficar de frente para a vereda que me levaria para fora da floresta, com a cabeça consumida pelo trabalho que tinha pela frente. Não eram só a casa e o meu coração que precisavam de conserto enquanto eu estivesse ali. Tinha de arranjar também uma maneira de curar o meu irmão.